

A IMPORTÂNCIA DA COMISSÃO DE PROTEÇÃO CONTRA RADIAÇÕES NO CONTEXTO DA QUALIDADE DO CENTRO HOSPITALAR DO PORTO

Monteiro, A.¹, Machado, C.², Oliveira, F.³

¹Téc. Radiologia, Centro Hospitalar do Porto, Porto, Portugal, anara.monteiro@gmail.com
²Téc. Radiologia, Centro Hospitalar do Porto, Porto, Portugal, claudiacarvalhomachado@gmail.com
³Téc. Radiologia, Centro Hospitalar do Porto, Porto, Portugal, filomenaoliveira.di@chporto.min-saude.pt

Introdução

A Estratégia Nacional para a Qualidade na Saúde 2015 -2020 visa assegurar que as funções de governação, coordenação e ação local, centradas no doente, estão devidamente alinhadas pelo mesmo diapasão, com respeito pelas dimensões da efetividade, eficiência, acesso, segurança, equidade, adequação, oportunidade, continuidade e respeito pelo cidadão.

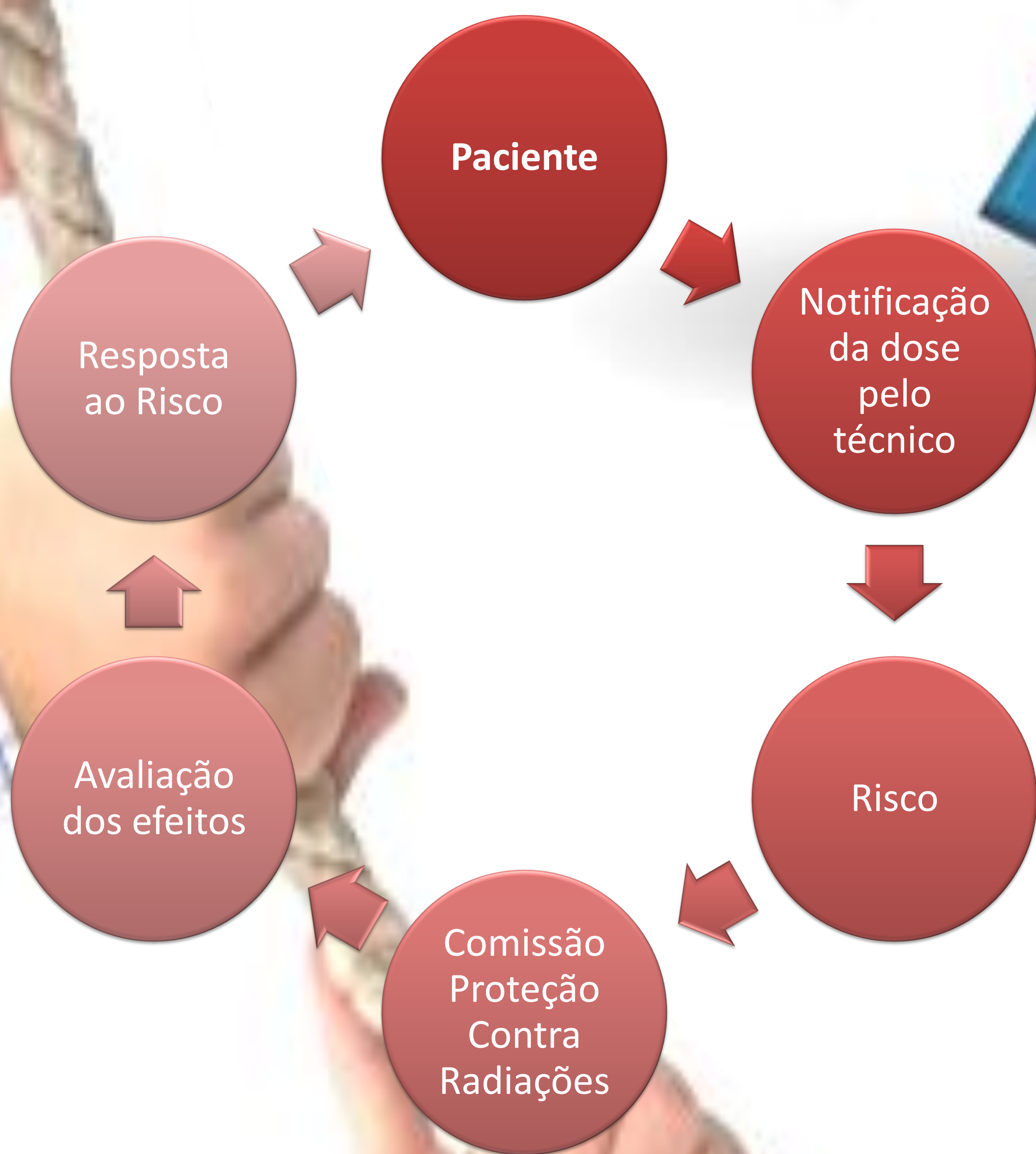
A pesquisa da qualidade nos serviços de saúde deixou de ser um ato isolado e tornou-se hoje um dado adquirido e categórico. A Sociedade está cada vez mais exigente, no que se refere à qualidade dos serviços prestados, fundamentalmente nas instituições públicas. Esta exigência desenvolveu uma necessidade de criar normas e mecanismos de avaliação e controlo da qualidade nos serviços de saúde.

Na última década os meios complementares de diagnóstico e terapêutica transformaram-se em ferramentas essenciais para todos os ramos e especialidades da medicina. O recurso a procedimentos radiológicos para diagnóstico e terapêutica tem determinado um aumento da dose de radiação nos pacientes, tornando-se numa preocupação constante dos utilizadores. Contudo, a sua quantificação e monitorização permite assegurar a segurança dos pacientes, assim como contribuir para a manutenção de serviços de qualidade no SNS. Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da Comissão de Proteção contra Radiações (CPCR), no contexto do Centro Hospitalar do Porto, na manutenção da qualidade e segurança de todos os os pacientes e profissionais envolvidos em procedimentos radiológicos.

Departamento de Qualidade - CPCR



Monitorização de doses do doente no Centro Hospitalar do Porto



Esquema 1 - Sequência de procedimentos de notificação de doses desde o paciente até à avaliação e resposta da CPCR.

A CPCR tem diversos projetos em fase de implementação que pretendem salvaguardar e proteger o bem estar dos pacientes, tal como: garantir a uniformização das doses pediátricas e o registo das mesmas no processo clínico; ações de formação multidisciplinares sobre proteção radiológica; criação de manual de boas práticas com NRD (Níveis de Referência de Doses) adequados aos equipamentos e procedimentos do serviço.

Estes fatores tornam-se primordiais dado o exponencial aumento de procedimentos radiológicos, frequentemente complexos, e que, por vezes, implicam um tempo total de exposição superior a uma hora. Desta forma, tornou-se indispensável para a Comissão a monitorização das doses recebidas pelos pacientes. Encontra-se em fase de implementação a notificação da dose pelos técnicos de radiologia, tendo por base os valores e eventos constantes da tabela abaixo. Foi ainda criada uma sequência de procedimentos de forma a registar e avaliar os efeitos secundários da radiação ionizante (Esquema 1).

“Trigger Values”	
Tempo de fluoroscopia	> 60 minutos
DAP	> 500 Gy.cm ² e > 50000 µGy.m ²
Dose na pele	> 2Gy
“Trigger Events”	
Lesão visível desencadeada por radiação	
Paciente Errado	
Gravidez desconhecida	
Vários procedimentos nos últimos 12 meses	

Conclusão

A atribuição à CPCR da competência de identificação, acompanhamento e avaliação das exposições dos doentes a procedimentos de fluoroscopia sinalizados, tem permitido reforçar a sensibilização dos profissionais para os valores de dose e para os seus efeitos. A implementação deste procedimento visa assegurar um melhor acompanhamento dos doentes, uma melhor monitorização das doses e uma otimização dos protocolos. A CPCR tem como projeto futuro a criação de um registo de dose no processo clínico do doente.

Referências bibliográficas:

1.Balter, S., Hopewell, J.W., Miller, D.L., Wagner, L.K., Zelefsky, M.J. (2010), “Fluoroscopically guided interventional procedures: a review of radiation effects on patients’ skin and hair.” Radiology 254(2): 326-341.2.Balter, S. and D. L. Miller (2014), “Patient skin reactions from interventional fluoroscopy procedures.” AJR Am J Roentgenol 202(4): W335-342.3.Estratégia Nacional para a Qualidade na Saúde 2015-2020 in Diário da República, 2.ª série — N.º 102 — 27 de maio de 2015.4.Holmberg, O., et al. (2010), “Current issues and actions in radiation protection of patients.” Eur J Radiol 76(1): 15-19.5.Johnson, M. M. (2015), “Radiation protection education in fluoroscopy.” Radiol Technol 86(5): 511-528; quiz 528-532.6.Mahesh, M. (2001), “The AAPM/RSNA physics tutorial for residents - Fluoroscopy: Patient radiation exposure issues.” Radiographics 21(4): 1033-1045.7.Mahesh, M. (2001), “Fluoroscopy: patient radiation exposure issues.” Radiographics 21(4): 1033-1045.8.Miller, D. L., et al. (2010), “Clinical radiation management for fluoroscopically guided interventional procedures.” Radiology 257(2): 321-332.9.Rehani, M. M., et al. (2010), “Stecker, M. S., et al. (2009), “Guidelines for patient radiation dose management.” J Vasc Interv Radiol 20 (7 Suppl): S263-273.10.Wagner LK, Archer BR. (1998) “Minimizing Risks from fluoroscopic X-rays”, 2nd ed. Houston, TX:Partners in Radiation Management.